

RESENHAS

BALANDIER, George. *A desordem: elogio do movimento (Le désordre)*. Trad. de Suzana Martins.

Bertrand Brasil, 1997. 266 p.

Ordem e desordem são palavras opostas que instauram constantemente um jogo de tensões que o senso comum tem procurado anular, invariavelmente, pelo estabelecimento da supremacia da ordem. Elas são expressões comuns que norteiam o nosso comportamento do dia-a-dia, a cultura, a filosofia e a ciência.

No campo da cultura ocidental o par opositivo ordem/desordem se configura a partir de outro par opositivo: tradição/novidade, onde o novo, estreitamente ligado à modernidade, representa a busca de inscrição do seu lugar nas fileiras da tradição. O novo cria abalos, traz a desordem, e instaura o caos.

Para George Balandier, sociólogo e professor de *École de Hautes Études en Sciences Sociales*, da Sorbonne, o caos é o enigma desde tempos remotos. É o lugar onde os mitos tentavam mostrar de que maneira tudo se originava e resultava de gêneses sucessivas. Hoje, porém, a exploração científica serve-se de meios que conduzem inevitavelmente ao caos.

A desordem, a turbulência, a desorganização e o inesperado fascinam. Segundo Balandier, os arcanos do acaso levam menos a uma iniciação que a um avanço, servindo-se dos mais complexos e poderosos instrumentos informáticos. A caoslogia surge como uma nova disciplina, apontada por alguns como uma das maiores invenções a revolucionar a história das civilizações.

A caoslogia ocupa-se das curiosidades e dos desvios da fantasia em benefício de uma ciência que se tornou estranha. Pelo olhar da caoslogia, a banalidade é elevada à categoria de grande mistério. A torneira que pinga é retirada da esfera do problema doméstico e de elemento provocador de irritação para adentrar à condição de problema digno de reflexão erudita, levada adiante por anos a fio, que faz desta anomalia uma espécie de paradigma do caos.

Balandier lembra que a natureza não é linear, nada pode ser reduzido a uma condição de simplicidade, a ordem e a desordem não são apenas um par opositor, mas um é integrante do outro, a ordem encontra abrigo na desordem, o aleatório está constantemente a refazer-se, o imprevisível deve ser compreensível.

Em seu livro *A desordem: elogio do movimento*, Balandier põe em discussão o lugar da desordem e suas relações com a ordem, que se configuram como complexas e misteriosas. O autor trata do duplo enigma que afronta o

homem, em todo os tempos e em todas as culturas. O ensaio aborda a sucessão da dupla ordem/desordem em suas relações com a ciência, o saber social e o mito.

Todas as sociedades, de alguma forma, e em algum momento, são confrontadas com a desordem (a crise das bolsas no Oriente); a doença, o mal, que se configura na desordem vinda de fora (aids); a violência, a exploração da desordem (o terrorismo); a política desvalida. A consciência da desordem está mais viva do que nunca e provoca reações contrárias, hesitações. Para alguns o passado e o arcaico estão relacionados à ordem, revelando o que está solidamente demarcado. Para outros a desordem é um elemento fermentador, diminuindo o peso da ordem estabelecida, e possibilitando o surgimento do novo. A desordem torna-se, dessa forma, criadora, “os períodos de transição exercem então uma verdadeira fascinação e são vistos como os tempos, que fazem recuar as fronteiras do impossível, ao longo dos quais situam-se as ignorâncias”.

Balandier acusa a existência de uma crise de interpretação, e no seu ensaio busca construir a cartografia de um conhecimento, onde ordem e desordem não passam de uma cômoda perturbação. Para ele o pensamento deste tempo, agora chamado de pós-moderno, localizado nesse tempo, leva inevitavelmente a pensar o movimento como fomentador da desordem – “e talvez, elogiá-lo”.

Rogério Lima
UnB

BASTOS, Hermenegildo. *Memórias do cárcere: literatura e testemunho*. Brasília: Editora da UnB, 1998. 169 p.

Ao falar sobre o seu livro *S/Z*, uma análise da novela *Sarrasine* de Honoré de Balzac, o semiólogo francês Roland Barthes (1915-1980) comenta que *S/Z* é nada mais nada menos que o produto da sua leitura da novela de Balzac. Barthes classifica o texto de Balzac como um texto clássico. E clássico para ele é todo texto *legível*, produto de consumo, referendado pela leitura e pelo divórcio impiedoso entre o autor e o leitor.

Barthes vê o leitor mergulhado numa espécie de ócio, de intransitividade, de seriedade: “[...] ao invés de aceder plenamente ao encantamento do significante, à volúpia de escrever, tudo que lhe resta é a pobre liberdade de receber ou rejeitar o texto.” Nesse tipo de relação entre o leitor e a obra, a leitura não é nada mais que um *referendum*. Diante do texto legível ergue-se um contravalor: o texto *escrevível*. O texto escrevível não está em nenhum lugar, não é encontrável em nenhuma livraria. Mas está em todos os lugares ao mesmo tempo. É um texto virtual que pode ser escrito e reescrito a qualquer momento. A defesa que Barthes faz do texto se baseia no fato de que o que está em jogo no trabalho literário é transformar o leitor não mais em consumidor, mas em produtor do texto. Acabando desta forma com o divórcio entre leitor e autor.

Seguindo os passos de leitura propostos por Roland Barthes, ainda que não propositalmente, o ensaísta e escritor Hermenegildo Bastos está lançando pela editora da Universidade de Brasília o seu ensaio *Memórias do cárcere: literatura e testemunho*, onde propõe estudar o conjunto da obra de Graciliano Ramos a partir das *Memórias do cárcere*, escritas por Graciliano em 1953. Firme no seu propósito, Hermenegildo se lança no processo interpretativo-elucidativo que traz à luz alguns dos sentidos da totalidade da obra de Graciliano. O processo de leitura e interpretação de Hermenegildo revela-se nietzschiano, onde interpretar um texto não é dar-lhe um sentido mais ou menos embasado, mais ou menos livre, é, pelo contrário, avaliar o texto como uma construção plural. Valorizando as suas múltiplas redes de tessitura e os entrelaçamentos que elas produzem. O texto de *Memórias do cárcere* é tomado por Hermenegildo como uma galáxia de significantes e não como uma estrutura de significados. A sua leitura de *Memórias do cárcere* torna possível penetrarmos na obra por diversas entradas. Hermenegildo situa o texto como portador de uma virtualidade, problematizando-o sob diversos pontos de vista, e com isso estabelece uma nova cartografia de leitura para a obra de Graciliano.

Nos cinco capítulos que compõem o ensaio o leitor transita por questões que envolvem desde o autoquestionamento literário presente na obra de Graciliano às relações entre literatura, testemunho e autobiografia. Hermenegildo lê o leitor de sua própria obra, no qual se transformou Graciliano Ramos. É importante lembrarmos que ler é um trabalho de linguagem. Ler é encontrar sentidos, e encontrar sentidos é nomeá-los.

A forma de estruturação em *abismo*, que é uma marca narrativa na obra de Graciliano, pode ser detectada no ensaio de Hermenegildo Bastos. Esse mimetismo presente em *Memórias do cárcere: literatura e testemunho* não é proposital; ele é decorrente da transformação do leitor em autor. O que testemunhamos nesse ensaio é o leitor Hermenegildo dialogando com o leitor Graciliano que lê a sua própria obra e a sua vida nas suas *Memórias do cárcere*. Nós, enquanto leitores, também somos inseridos nesse processo no ato da leitura do ensaio de Hermenegildo. Pouco a pouco somos envolvidos pela discussão acerca do literário, do testemunho e da vida. Sobra sempre para nós, diante de Graciliano Ramos, uma pergunta: o que é a ficção e o que é a realidade? Pressentindo isso é que Silvano Santiago pode escrever o romance *Em liberdade*, que narra o dia a dia de Graciliano após sair prisão, onde uma pergunta fica sempre no ar para o leitor: *o que estou lendo é ficção ou realidade?*

O que Hermenegildo Bastos procura realizar enquanto leitor-autor é estabelecer uma cartografia possível e acessível de leitura da obra de Graciliano dentro desse par que não é totalmente opositivo: ficção/realidade. Como dizia Roland Barthes “nós não escolhemos o texto com que trabalhamos, mas o texto é que nos escolhe”, Hermenegildo foi escolhido pelas *Memórias do cárcere* e soube de forma exemplar livrar a sua leitura do resto de janta abaianada do texto *legível*. Em tempo: Hermenegildo Bastos é baiano.

Rogério Lima
UnB